



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019**

**AÇÃO DO SIMBÓLICO NA FORMAÇÃO DO SINTOMA NO SUJEITO NEGRO: UMA
LEITURA A PARTIR DE FANON E NEUSA SOUZA.**

Sirlene Pereira Bispo¹; Ívone Maia de Mello²;

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
sirlenepbispo12@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
ivonemaia@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Sintoma; Simbólico; Negro.

INTRODUÇÃO

A questão do negro e do racismo, no Brasil e no mundo, vem sendo abordado por diversos autores e sobre diferentes perspectivas, porém, no tocante a teoria psicanalítica, são ainda insuficientes as produções a respeito para dar conta da complexidade do ser negro e da formação da sua psique. São de grande reconhecimento os trabalhos de Franz Fanon (Martinica-França), “Pele Negra, Máscaras Brancas” e o de Neusa dos Santos Souza (Cachoeira – Bahia), “Tornar-se Negro”, e serão justamente essas obras que serão resgatadas nessa pesquisa, a fim de elucidar o surgimento de sintomas em pessoas negras a partir da identificação com significantes de um registro simbólico constituído estruturalmente de representações brancas.

Para tanto é preciso compreender como a estrutura social, seja em 1952, na França, com Frantz Fanon, seja em 1983, no Brasil, com Neusa Souza, e ainda hoje, engendra uma rede onde a cultura do povo negro é inferiorizada e a partir de então, este, se encontra sem referências a serem colocadas no lugar de Ideal do Ego. Surge então o dilema, daquele que é forjado a se identificar com uma representação branca, sem jamais atingi-lo devido impedimentos concretos lógicos. Sobre esse aspecto Neusa aborda:

O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal do Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar esse modelo. (SOUZA, 1983, p. 33-34)

Fanon, anteriormente, já tinha falado sobre a situação do homem negro colonizado, usando seu povo como referência, ele descreve a situação conflitante e neurótica à qual é colocada a pessoa negra diante da sociedade:

Eis na verdade o que se passa: como percebo que o preto é o símbolo do pecado, começo a odiá-lo. Porém constato que sou negro. Para escapar ao

conflito, duas soluções. Ou peço aos outros que não prestem atenção à minha cor, ou, ao contrário, quero que eles a percebam. Tento, então, valorizar o que é ruim – visto que, irrefletidamente, admiti que o negro é a cor do Mal. Para pôr um tremo a essa situação neurótica, na qual sou obrigado a escolher uma solução insana, conflitante, alimentada por fantasmagorias, antagônica, desumana enfim, – só tenho uma solução: passar por cima deste drama absurdo que os outros montaram ao redor de mim. (FANON, 1952, p. 166)

O que temos é esse contexto de antagonia, forjada por uma moral branca subjacente, fazendo surgir ainda em nosso século uma gama de sintomas neuróticos no sujeito negro, que são em grande parte, fruto da sua condição de raça. Essa pesquisa se faz importante por salientar como esses sintomas são formados e se estabelecem sutilmente numa população que, na maioria das vezes, não tem refletida a real causa de seus transtornos, já que estão imersos no discurso dominante, sendo este, racista e silenciador. O campo social simbólico é o lugar onde a pessoa procura suas identificações que vão servir para a constituição do eu, percebe-se que, o que vem de fora é fundamental na constituição psíquica do sujeito, nas palavras de Garcia-Roza:

Em sua acepção mais ampla, “eu” designa a representação que o sujeito faz de si mesmo. Trata-se de uma representação complexa ou mesmo de um complexo de representações cuja fonte última são as imagens provenientes das impressões externas. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 52)

Estas representações, pertencentes ao registro simbólico, são mediadas pela linguagem. Ou seja, somos e produzimos discurso, desde que, nossa existência para o outro vai ser na medida do que se acorda pela linguagem, assim, um discurso que, através da estrutura social, tenha posição de dominação sobre outrem poderá produzir narrativas sobre aquele sujeito. A respeito do discurso como sustentáculo do simbólico, Neusa debate que “o mito negro se constitui rompendo uma das figuras características do mito – a identificação – e impondo a marca do insólito, do diferente” (SOUZA, 1983, p. 25-26).

Fanon destaca sobre a importância que o discurso sobre si tem para a constituição da pessoa:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (FANON, 1952, p. 33)

A importância do discurso para Psicanálise é ressaltada há muito tempo desde sua origem, Freud já ressaltava o papel do simbólico na constituição do sujeito, inclusive, delimitando a associação livre, como um método através da fala, em que a clínica da Psicanálise se estruturou. Nessa altura, é importante introduzir um conceito que Lacan traz para explicar as relações criadas socialmente, e a influência do discurso nesse processo, que é o conceito de laço social. Tizio explica que o laço social “trata-se da

relação entre os seres humanos que se sustenta do discurso e, por meio dele, assume as modalidades de época e marcas de uma cultura determinada” (TÍZIO, 2006).

Portanto é importante perceber o papel desempenhado pelo social (simbólico) na constituição do sujeito, do que ele toma como referencial, do que funciona como lei, e logo, do que é recalçado e retorna na forma de sintoma, que no caso do sujeito negro, vai ser delimitado e configurado de especificações do racismo. Pretende-se uma clínica que compreenda a orientação ao real, já que Lacan postulava o sintoma como algo que, não podendo ser simbolizado, retorna no real, resta investigar, o que do racismo contribui nessa impossibilidade de simbolização. Partindo daí pode-se atuar na clínica com maior responsabilidade, conseguindo acompanhar, de fato, o “passar por cima deste drama absurdo que os outros montaram”, como citado por Fanon (1953, p. 166), ou seja, a passagem do sintoma ao *sinthoma* na pessoa negra. Santos (2006) remete em seu trabalho a localização do *sinthoma* entre o ideal do ego e o lugar da falta no sujeito, em que se deve colocar um objeto *a*, a partir de onde o sujeito passa a se haver:

O último ensino retoma a questão central da identificação. Precisamos analisá-la, entretanto, na sua relação com a angústia, pois o *sinthoma* é uma escrita nova que sublinha o duplo vazio do sujeito. É do campo do Outro que vem um S1, o ideal do eu, com o qual o sujeito se identifica, mascara sua falta de significante e ganha um corpo sintomático. É também, no lugar onde ele encontra a falta do Outro, que ele deverá colocar algum objeto *a* para localizar, por meio dele, sua própria falta de um objeto de gozo. O *sinthoma* é um misto, uma conjunção de S1 e *a*. A extração de cada conjunção singular entre S1 e *a* é o objetivo final de cada análise. (SANTOS, 2006, p. 4)

METODOLOGIA

O plano de trabalho consistiu em proposta de pesquisa sobre o processo de simbolização da pessoa negra, para tal fim foi utilizada a metodologia de levantamento de fontes e revisão bibliográfica, que culminou em produção escrita publicada em revista eletrônica da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foram feitas também discussões acerca do tema em parceria com o projeto de extensão universitária Cinema: subjetividade, cultura e poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana, coordenado pela professora Dra. Ivone Maia de Mello, em que realizei uma colaboração voluntária (BISPO; MELLO, 2019), ampliando a socialização de resultados parciais da pesquisa. Em nenhuma dessas etapas foi utilizado material com necessidades de grande custeio, apenas material bibliográfico já disponível, papéis onde foram feitas impressões para as discussões e banners quando as apresentações em evento foram feitas de forma oral. Todo custo foi assumido pela equipe do projeto.

RESULTADOS

Como resultado dessa pesquisa obteve-se um documento com sistematização dos estudos, mostrando a situação atual sobre a abordagem da questão racial do negro na teoria da psicanálise, trazendo ainda como é entendido o sintoma quando perpassado pelo racismo. Documento este que poderá auxiliar professores de graduação, estudantes e leigos com curiosidade na área, sendo enfim um arcabouço teórico e formativo, mas servindo também para pensar a clínica atual pelos profissionais que nela atua.

Esse texto final com o resultado das pesquisas, leituras e fichamentos será publicado como capítulo de um livro pela EDUFBA. Foi produzido também um artigo com o resultado do intercâmbio entre o presente plano de iniciação científica e a extensão, intitulado “Psicologia e cinema: possibilidade de ação diante da temática do racismo”, onde foram explicitados os resultados dessa parceria, bem como resultados da pesquisa bibliográfica feita no decorrer do plano. O artigo foi publicado na revista UFG, e serve também como fonte teórica para professores de graduação, estudantes e leigos que queiram se aprofundar nessa discussão, como estipulado pelo plano. Além disso, o presente trabalho foi apresentado na III Jornada de Psicologia da UEFS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das atividades do plano de trabalho foram desempenhadas respeitando os objetivos propostos, mesmo quando se percebeu como necessárias algumas alterações. Os resultados alcançados foram positivos e contribuíram na discussão da temática racial, além da ampliação de alcance do modo que a Psicanálise a pensa.

Do ponto de vista pessoal, angariou novos conhecimentos, tanto técnicos, através da realização de cine debates, quanto metodológicos, na produção de artigo e também teóricos, através das leituras e fichamentos. Saliento a importância da parceria da iniciação científica com a extensão, como modo de fazer chegar mais diretamente à sociedade os resultados da pesquisa.

A iniciação científica me possibilitou um primeiro contato com a realização da pesquisa, de modo sistematizado e organizado. Sendo para mim um desafio respeitar cada etapa estabelecida no plano para assim, alcançar resultados mais fidedignos possíveis dos propostos.

De modo geral, situou-se como grande aprendizado pessoal, além de me fazer refletir sobre o importante papel social da pesquisa, por tratar de temas relevantes à sociedade e buscar o aperfeiçoamento e descobertas em torno de temáticas de impacto social, favorecendo o seu bem estar.

REFERÊNCIAS

BISPO, S., & MELLO, I. 2019. Psicologia e Cinema. *Revista UFG*, 19. <https://doi.org/10.5216/revufg.v19.59270>

- FANON, F. 2008. *Pele Negra, Máscaras Brancas*; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA.
- GARCIA-ROZA, L, A. 2008. *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. — 7.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SANTOS, T, C. 2016. *Sinthoma: Corpo e Laço Social*. – Rio de Janeiro: SEPHORA/UFR.
- SOUZA, N, S. 1983. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão no social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- TIZIO, H. *As Novas Modalidades de Laço Social*. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/artigo_03.htm>. acesso em: 04 mar. 2018.